

Notas

¹ Esta Carta de Aristéias é considerada um documento “pseudo-epígrafo” para designar os livros religiosos não-canônicos. A denominação de “Carta de Aristéias a Filócrates” apareceu em um manuscrito, pela primeira vez, em Paris do século XIV: o Ms. Parisinus, 950 da Biblioteca Nacional de Paris. Convém lembrar que, apesar dessa delegação enviada à Jerusalém constituir o tema central da carta, há outros assuntos tais como: a liberdade de cem mil escravos judeus no Egito, a descrição da cidade de Jerusalém e do Templo entre outras abordagens.

² Denominado, mais tarde, de Pentateuco.

³ Salienta-se que os “targuns”, que significa ‘interpretações’, eram paráfrases ou explicações em aramaico do Antigo Testamento. Quando os judeus retornaram à Palestina (cf. o “Decreto de Ciro”, rei medo-persa, que se encontra em Esdras, 1: 2-4; 6: 2-5 e II Crônicas, 36: 23), haviam perdido o uso da “língua de seus antepassados”, então, havia a necessidade de um intérprete. Assim sendo, a leitura em público dos escritos sagrados era acompanhada de explicação pelo leitor, para que todos compreendessem como atesta Neemias: “E leram no livro, na Lei de Deus: e, declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse” (cap. 8: 8). A princípio esses “targuns” eram simples e resumidos, sendo, pouco a pouco, aperfeiçoados.

⁴ A divisão da Bíblia Hebraica é tríplice: a Lei, os Profetas e os Escritos Hagiógrafos (que se conhece no meio cristão pela denominação de livros históricos e poéticos; inclui também o livro de Daniel que é considerado histórico).

⁵ Os “Soferins” eram copistas, diga-se escribas, que faziam grandes estudos minuciosos dos manuscritos sagrados e corrigiam os possíveis erros; faziam também confrontações de cópias com cópias. Os trabalhos dos “Soferins” se iniciaram no tempo de Esdras (400 a.C.) e chegaram até o ano de 200 d.C.

⁶ O episódio desse bezerro de ouro se encontra em Êxodo, 32: 1-18. Os israelitas fizeram esse bezerro para adorá-lo, pois pensavam que Moisés havia morrido no Monte Sinai, por causa da demora do levita em descer do Monte.

⁷ Além da Héxapla, há uma segunda obra de Orígenes que é a Tétrapla, obra essa que não possui as duas primeiras colunas da Héxapla.

O FILÓSOFO GREGO: UM ANDARILHO EM BUSCA DE SUA PRÓPRIA SOMBRA

Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ / FGV)

RESUMO

A filosofia grega encontrou em Platão um de seus principais representantes. Uma de suas teorias tentava solucionar o problema da realidade e das aparências, da unidade ou pluralidade do ser. Seria, entretanto, a fonte dessa dualidade a psyche humana?

A partir da filosofia platônica e das teorias do neoplatônico Plotino, enfocaremos, neste artigo, o início de uma pesquisa que tem por objetivo descrever a trajetória dos estudos filosóficos relacionados à psyche na tentativa de visualizar neles o percurso de uma humanidade que ainda caminha em busca de sua própria sombra.

Palavras-chave: filosofia; psyche; Platão; Plotino.

“Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é a natureza da alma” (Fedon 245 e).

O homem nutre em seu interior o desejo por compreender, principalmente, o que vê, mas também o que sente, imagina e acredita existir...

A filosofia, ao buscar solucionar problemas relacionados à vida, como a questão da moral, encontra, inicialmente, em Platão uma preocupação, ou melhor, indagações sobre o sentido metafísico e cosmológico da realidade. Questões como a inconstância da vida, o contraste entre paixão e razão e a peregrinação do homem, prisioneiro em seu próprio corpo, levaram-nos a iniciar uma pesquisa em torno da questão da alma na filosofia.

Antes de tratarmos da alma, propriamente dita, na filosofia, é necessário tecer alguns comentários mitológicos. A palavra psyché, alma em grego, é o nome de uma princesa que causou ciúmes em Afrodite por conta de sua beleza e por quem Eros se apaixonou. Psyché é também o substantivo grego utilizado para nomear o animal que chamamos de borboleta. A borboleta, em sua trajetória, nasce na forma de uma lagarta, luta para sobreviver e se transformar, mesmo presa em um casulo e, finalmente, liberta-se quando lhe crescem as asas... assim também ocorreu com Psyché, que ao vencer vários empecilhos, ganha o perdão, o amor pleno de Eros e a imortalidade, ao comer ambrosia e ser conduzida pelas asas de Eros ao Olimpo. Acreditamos, portanto, que a imagem da borboleta é a metáfora perfeita da alma platônica.

Encontramos, também, no mito hesiódico das raças, Eros como força primordial e como responsável por unir todos os seres. Assim como em Hesíodo, o mito de Eros e Psique, descrito por Lúcio Apuleio (150 d.C.) no romance

Metamorfoses, faz-nos recordar a essência da palavra psyche, derivada do verbo psychein, que significa soprar, respirar. Portanto, etimologicamente, psique significa sopro vital, vida, personificação do princípio da vida e princípio que anima o universo.

Se a alma, portanto, é o que anima o universo é Eros que o redime e faz com que essa alma reencontre a sua imortalidade...

Platão responde da seguinte maneira a indagação sobre mortalidade e imortalidade humana:

“Qual a diferença entre a essência imortal dos deuses e a natureza mortal dos homens?

Quando a alma é perfeita, governa a matéria inanimada, plana livre nos céus e dirige o Kósmos. Porém, quando perde as asas, rola pelos espaços infinitos até cair num sólido qualquer e aí pousar. Quando reveste a forma de um corpo terrestre, este começa a mover-se, graças à força e vida que lhe comunica a alma. A este conjunto de alma e corpo damos o nome de mortal.”

A alma, portanto, desempenhará o papel de mediadora entre as idéias e a matéria, à qual comunica o movimento e a vida... Para Platão a alma é o princípio do movimento, exerce funções psíquicas, como conhecer e querer, é de natureza espiritual, simples, imortal, e é substância completa, apenas residindo no corpo, diversificando-se no curso das transmigrações.

Cabe-nos salientar, todavia, que a alma em Homero era entendida de maneira diversa da de Platão. Para Homero, apesar da crença na imortalidade da alma já vigorar nessa época, uma vez que a alma tenha ido para o Hades, dele não voltaria. Sendo nada mais do que sombras que vão perdendo, aos poucos toda a sua racionalidade... Platão, entretanto, acredita que somos reflexos do que vimos enquanto libertos do corpo, enquanto almas livres.

A afirmação da imortalidade da alma é um dado relevante no contexto filosófico visto que a tradição religiosa grega não é muito clara quanto a este ponto. Encontramos informações que afirmam a sobrevivência da alma após a morte do corpo, mas não existem dados esclarecedores sobre a sua imortalidade. Em Homero, por exemplo, encontramos, na Odisséia, referência quanto à sobrevivência da alma, contudo, esta acabava por perecer passado algum tempo, pois perdia a memória ou a lembrança da época em que estava vinculada a um corpo. Ainda encontramos atrelada ao conceito filosófico platônico uma concepção ética relacionada com a questão da imortalidade da alma, ou seja, a alma devia ser purificada antes da morte do corpo, para não ter que se submeter à transmigração, ou metempsicose¹, e ter que reencarnar noutros corpos, humanos ou de animais,

até atingir a purificação. Esta concepção remete a tese de Pitágoras de que a alma poderia estar presente nos corpos de vários animais, tornando-os assim, parentes do homem. Por conta desta tese, veio a proibição de se consumir tudo o que estivesse relacionado a carne dos animais. Tratou Platão da imortalidade da alma em Fedon (70 ss), Fedro (245 c), República (609 d), Leis (895 e).

Quanto à origem do corpo, encontramos em Platão a seguinte opinião: os Deuses “formaram em torno da alma um corpo mortal e lhe deram o corpo como uma espécie de veículo, que muniram ainda com uma outra espécie de alma, a mortal. É sede de perigosas e inevitáveis perturbações: o prazer, que atrai ao mal; a dor, que afugenta o bem; a audácia e o tempo, conselheiros imprudentes; a cólera, surda à advertência; a esperança, mãe das ilusões. Com a sensação irracional e o desejo para o que quer que queira, misturando tudo isto, formaram assim a alma mortal” (Timeu 66 c-d).

Tal conceito leva-nos a um outro questionamento, teríamos, portanto, duas almas, uma mortal e outra imortal? Neste momento da pesquisa, parece-nos que a alma mortal ou a alma sensível irá desaparecer, em Platão, com a morte.

Precisaremos também recorrer a opinião de Aristóteles que oferecerá uma doutrina sobre a união entre corpo e alma, a se unir como substâncias incompletas. Aristóteles entendia que a alma era a forma substancial da matéria corporal.

Os neoplatônicos, todavia, se dividirão a este respeito. Concordam com Platão a maioria como Plotino, Porfírio e Proclo.

Platão, todavia, ao ser interrogado sobre a existência da alma e sobre o local que ela habitava, em sua resposta lançou a teoria da alma tripartida, onde a razão estaria localizada na cabeça (por estar mais próxima do mundo das idéias), a emoção estaria no coração e os instintos estariam localizados no baixo-ventre (órgãos sexuais e fígado, ligados a reprodução e a bebida). Podemos visualizar da seguinte maneira a teoria platônica:

¹ Metempsicose (do grego: meta: mudança + en: em + psiquê: alma) é o termo genérico para transmigração da alma, de um corpo para outro, seja este do mesmo tipo de ser vivo ou não. É usualmente denominada de metacomorfose. Essa crença não se restringe à reencarnação humana, mas abrange a possibilidade da alma humana encarnar em animais ou vegetais.



Posteriormente, em A República, Platão afirma que os filósofos, cidadãos guiados pela razão, deveriam estar no topo da pirâmide social, os comerciantes, guiados pela emoção, no meio, e os escravos, guiados pelos instintos, no pé da pirâmide. Eis a alma da sociedade:



Naquele tempo ninguém imaginava, todavia, que cada parte do cérebro tinha a sua função. Com a evolução das neurociências, a teoria platônica pode ser comprovada e hoje sabemos que, de certa forma, somos guiados pela razão, emoção e instintos, assim como propôs Platão há mais de dois mil anos. O curioso dessa teoria é a analogia que pode ser feita com o cérebro. Nossa razão é controlada pelo néo-córtex e córtex pré-frontal, as últimas camadas do cérebro. Nossas emoções são de responsabilidade do sistema límbico, próximo ao centro do cérebro, e nossas funções vitais são controladas pelo tronco cerebral.



Portanto, percebemos, nessa fase inicial da pesquisa, que verificada a morte, para os platônicos não haveria interrupção do exercício dos conhecimentos. Estes Subsistiriam, porque fazem parte da alma, mas não operam, porque lhes falta a matéria em que estão situados os sentidos a partir dos quais recebem o conhecimento dos objetos. Como nos sugere o texto abaixo:

“Resta explicar ainda algo de considerável importância nas impressões comuns ao corpo inteiro, ou seja porque certas impressões originadas nas diversas partes do corpo se apresentam acompanhadas de prazer ou de dor. Começemos por expor, por que razões estão acompanhadas ou não de sensação, recordando o que há pouco havíamos dito referindo-nos às coisas fáceis de mover; pois este é o método que nos levará à averiguação proposta.

Quando um órgão naturalmente fácil de mover recebe uma impressão,

ainda que ligeira, esta impressão se transmite às partes imediatas e por estas às seguintes, transmitindo finalmente as modificações à alma inteligente, advertindo-a do poder do agente. Mas se o órgão é de natureza oposta, e em virtude desta estabilidade, não deixa circular nenhuma transmissão, sofre isoladamente a impressão e não passa à outra parte vizinha o movimento. Não se comunicando as partes umas com as outras e por isso permanecendo imóvel no animal a primeira impressão recebida, o paciente continua insensível. este último fenômeno se verifica nos ossos, nos cabelos, e em todas as partes do nosso corpo constituídas de terra; o primeiro fenômeno se anota na vista e no ouvido, sentidos em que o fogo e o ar desempenham um grande papel.

Eis agora como se explica o prazer e a dor. A impressão contrária à natureza e violenta, quando produzida repentinamente e com força, é dolorosa. A impressão que faz as coisas voltar ao seu estado natural, quando acontece repentinamente e com força, é agradável. o que se produz brandamente, e de pouco em pouco, é insensível. O oposto ocorre com as impressões contrárias. Todas as vezes, porém, que uma impressão se produz com facilidade é perfeitamente sensível sem participar em nada do prazer, nem da dor” (Timeu 64 a-d).

A última parte do nosso trabalho será dedicada a Plotino, um neoplatônico que buscará, em suas obras, acentuar o dualismo platônico entre sensível e inteligível, entre matéria e espírito, entre finito e infinito, entre o mundo e o conceito de Deus. A doutrina fundamental de Plotino é a das três hipóstases, isto é, das três substâncias, das três realidades eternas - embora elas, em termos plotinianos, procedam uma das outras. As três hipóstases são: a realidade suprema, o Deus de Plotino, é o Uno; o primogênito de Deus é o Logos, ou seja, a Inteligência, e da Inteligência procede a Alma, terceira hipóstase.

Assim, depois de algumas leituras podemos, inicialmente afirmar que, para Plotino, a alma individual tem algo de inferior, que está ligado ao corpo, e algo de superior, que está ligado ao espírito. A liberdade consiste então num processo, intrínseco à própria alma, ou seja, em fazer a alma realizar a sua própria essência, sair do corpo para vincular-se ao espírito. A abordagem de Plotino permitirá que averiguemos como a doutrina de Platão relacionada à alma foi absorvida na Antigüidade e na modernidade.

Como já mencionamos anteriormente, este artigo é fruto do início de uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelo Setor de Grego da UERJ e que pretende, nos próximos meses, buscar entender a relação entre corpo e alma/ mortalidade e imortalidade na Antigüidade clássica, visto que grande parte da humanidade, ainda

hoje, acredita que possuímos uma alma imortal que está vinculada a um corpo mortal... resta-nos, portanto, neste momento, buscar o seu reflexo e entender, ou encontrar, a nossa própria sombra para que, consigamos seguir o conselho de Plotino: “Procurai sempre conjugar o divino que há em vós com o divino que há no universo”.

Referências bibliográficas:

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- FEIRE, António. *O Pensamento de Platão*. Braga: Livraria Cruz, 1967, in: Brotéria, vol. XXXIV, 1944.
- GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. Plotino. In.: <http://www.geocities.com/Vienna/2809/plotino.html>, 20/06/2008.
- IGLÉSIAS, Maura. Platão: a descoberta da alma, In.: <http://venus.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim05/02iglesias.pdf>, 20/06/2008.
- PLATÃO. *Fedro*. 5ª ed. Trad. bras. De J. Paleikat. São Paulo: Editora Globo, s.d.
- _____. *Timeu e Crítias, ou A Atlântida*. Trad. N. Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.
- _____. *Fédon*. Coleção Filosofia-Textos nº 4, Porto Editora, 1995.
- _____. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

A ORAÇÃO SUBORDINADA DE INFINITIVO NA OBRA *GERMANIA* DE TÁCITO

Prof. Me. Marco Antonio Abrantes de Barros (UERJ)

RESUMO

O presente artigo é constituído de um estudo da oração subordinada de infinitivo dentro da obra do Historiador romano Tácito, especificamente na obra *Germania*. **Palavras-chave:** 1-oração subordinada. 2 - oração subordinada de infinitivo. 3- verbo introdutor de oração subordinada. 4- Tácito. 5- Alemanha.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar resumidamente a estrutura sintática latina da oração subordinada de infinitivo na obra menor de Tácito *Germânia* (obra que relata os costumes das tribos germânicas no século I d.C.). Primeiramente apresentar-se-á um resumo da estrutura sintática e em seguida apresentar-se-á uma pequena análise das orações encontradas no texto.

A oração subordinada de Infinitivo

Nas línguas indo-européias as palavras se agrupam em duas categorias fundamentais: verbo e nome, ambas flexionáveis; sintaticamente o que as distingue é a regência: enquanto o verbo rege acusativo, o nome rege genitivo, embora, dentro da categoria do nome, haja termos que expressam ação e regem acusativo. A interação entre as categorias pode ser identificada, por exemplo, no nome verbal infinitivo. Na língua latina, as formas mais antigas de nome verbal são o infinitivo presente ativo e o passivo (amare, amari). Segundo Bassols (1992) “As formas mais antigas de infinitivo (amare, amari) não são outra coisa que substantivos verbais fossilizados” (pg. 221). O autor também ressalta que a forma amare é um locativo, enquanto que amari, um dativo. Segundo Ernout (1994) são formas de noção verbal pura e simples sem outra nuance qualquer: (o fato de) amar ou ser amado. A própria evolução e inserção do infinitivo na categoria verbal, na língua latina, fá-lo adquirir tempo e voz: além do presente amare, amari o perfeito amavisse, amatum esse, e o futuro amaturum esse, amatum iri (voz ativa e passiva respectivamente), posteriormente acrescenta-se uma forma específica para o irreal amaturum fuisse. Estas estruturas são essencialmente empregadas em orações infinitivas.

A oração com infinitivo constitui-se de um sujeito em acusativo e o verbo no infinitivo, estando subordinada a um verbo principal.

Bassols lembra que esta estrutura tem origem nos verbos causativos como doceo, jubeo, que têm dupla regência em acusativo, uma acusativo da pessoa e outro da coisa: doceo pueros grammaticam ou doceo pueros cantare. O que se passou foi um deslocamento sintático da função do acusativo (caso oblíquo, portanto destinado a ser complemento do verbo) como objeto do verbo principal